

Code-mixing, code-switching e empréstimos no Hunsrückisch: uma análise de contato linguístico

Code-Mixing, Code-Switching and Borrowing in Hunsrückisch: An Analysis of Language Contact

Leonardo Alves

Universidade Federal de Santa Catarina
(UFSC) | Florianópolis | SC | BR
dadoleo91@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0009-8933-7489>

Resumo: O Hunsrückisch, língua de imigração germânica com mais de dois séculos de presença no Brasil, constitui um laboratório privilegiado para o estudo de fenômenos de contato linguístico. Este artigo examina, de maneira integrada, *code-switching*, *code-mixing* e empréstimos lexicais no repertório hunsriqueano, articulando-os a processos de *koineização*, formação de variedades intermediárias e práticas contemporâneas de bilinguismo e multilinguismo. A análise combina revisão de literatura, dados lexicográficos (Boll, 2021; Langenscheidt, 2010), registros espontâneos de escrita digital (Lindenfelser, 2024; Limberger, 2021) e descrições sociolinguísticas recentes (Altenhofen; Morello, 2018; Mackedanz; Spinassé, 2022; Spinassé, 2016, 2017). O arcabouço teórico mobiliza modelos de contato e processamento bilíngue (Matras, 2020; Riehl, 2009, 2014), bem como perspectivas fonológico-morfológicas sobre empréstimos e adaptações (Nübling *et al.*, 2017). Os resultados mostram que o repertório hunsriqueano contemporâneo opera num contínuo entre alternância de códigos, integração lexical e formas híbridas, mais do que numa oposição rígida entre dois sistemas. Esses fenômenos revelam tanto a permeabilidade estrutural quanto a vitalidade adaptativa da língua, cuja continuidade depende de ecologias multilíngues dinâmicas e de políticas linguísticas que reconheçam práticas *in vivo*, especialmente em contextos marcados por repressão histórica, estigmatização social e pressões de monolingüismo institucional. Percebe-se que a vitalidade do Hunsrückisch emerge justamente da negociação cotidiana entre português, variedades germânicas e reper-



tórios locais, reafirmando a centralidade do *code-mixing* e dos empréstimos como mecanismos de preservação e renovação linguística.

Palavras-chave: *code-mixing*; *code-switching*; contato linguístico; empréstimo lexical; Hunsrückisch.

Abstract: Hunsrückisch, a German-immigration language with more than two centuries of presence in Brazil, offers a privileged laboratory for the study of linguistic contact phenomena. This article examines, in an integrated manner, code-switching, code-mixing, and lexical borrowing within the Hunsrückisch repertoire, linking them to processes of koineization, the formation of intermediate varieties, and contemporary practices of bilingualism and multilingualism. The analysis combines literature review, lexicographic data (Boll, 2021; Langenscheidt, 2010), spontaneous digital writing records (Limberger, 2021; Lindenfelser, 2024), and recent sociolinguistic descriptions (Altenhofen; Morello, 2018; Mackedanz; Spinassé, 2022; Spinassé, 2016, 2017). The theoretical framework draws on models of contact and bilingual processing (Matras, 2020; Riehl, 2009, 2014), as well as phonological–morphological perspectives on borrowing and adaptation (Nübling *et al.*, 2017). The results show that the contemporary Hunsrückisch repertoire operates along a continuum between code alternation, lexical integration, and hybrid forms, rather than through a rigid opposition between two systems. These phenomena reveal both the structural permeability and the adaptive vitality of the language, whose continuity depends on dynamic multilingual ecologies and on language policies that recognize *in vivo* practices—particularly in contexts marked by historical repression, social stigmatization, and institutional monolingual pressures. The study concludes that the vitality of Hunsrückisch emerges precisely from the everyday negotiation among Portuguese, German varieties, and local repertoires, reaffirming the centrality of code-mixing and borrowing as mechanisms of linguistic preservation and renewal.

Keywords: code-mixing; code-switching; language contact; lexical borrowing; Hunsrückisch.

1 Introdução

O Brasil é amplamente reconhecido por sua diversidade linguística e cultural, que antecede o período colonial e tem origem nas centenas de línguas indígenas que se distribuíam pelo território muito antes do século XVI. Esse mosaico foi posteriormente ampliado pela chegada de povos africanos durante a colonização escravagista e, mais tarde, pelos diversos fluxos migratórios europeus e asiáticos, que trouxeram novas línguas e tradições culturais. Dentre as línguas de imigração que hoje compõem o cenário sociolinguístico brasileiro, o Hunsrückisch se destaca como a variedade de origem alemã mais amplamente difundida no país, sendo língua de referência para mais de um milhão de brasileiros, com presença consolidada sobretudo nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e Espírito Santo, além de ramificações no Mato Grosso do Sul, no Paraguai e na Argentina (Altenhofen; Morello, 2018, p. 18). Introduzido por imigrantes provenientes da região do Hunsrück e do Palatinado, na atual Renânia-Palatinado, a partir de 1824, o Hunsrückisch consolidou-se como língua de uso familiar e comunitário em diferentes regiões do sul do país. Ao longo de sua história, porém, enfrentou desafios significativos – entre eles, a repressão linguística durante o Estado Novo (1937-1945), quando o Decreto-Lei n.º 1.545/1939 proibiu o uso público de idiomas estrangeiros, resultando em prisões, agressões físicas, censura e silenciamento (Gälzer; Magalhães, 2024, p. 7; Oliveira, 2009, p. 22). Esse processo foi intensificado pelo contexto da Segunda Guerra Mundial, quando o Brasil, após romper a neutralidade em 1942 e declarar guerra aos países do Eixo, adotou medidas rígidas para reforçar a identidade nacional, incluindo a proibição de idiomas associados às nações inimigas (Gälzer; Magalhães, 2024, p. 4). Essa política de nacionalização buscava homogeneizar a população por meio da imposição do português como língua exclusiva da vida pública e da educação, o que produziu um impacto duradouro sobre as línguas de imigração no Brasil. Paralelamente, a hegemonia do português foi reforçada por políticas de valorização do monolinguismo nacional, contribuindo para o deslocamento gradual das línguas de herança e para a marginalização de seus falantes. Este artigo busca explorar a trajetória dessa língua, com ênfase em seu contato com o português brasileiro, investigando os fenômenos de *code-mixing*, *code-switching* e de empréstimos lexicais.

Este estudo analisa o *code-mixing* entre o Hunsrückisch e o português brasileiro como um mecanismo de vitalidade linguística, responsável por renovar e expandir o repertório da língua de imigração. Parte-se da hipótese de que os empréstimos lexicais decorrentes desse contato não representam perda, mas sim um processo adaptativo e criativo que assegura a continuidade do Hunsrückisch como língua viva e funcional em diferentes domínios sociais. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de caráter empírico-documental, fundamentada nos estudos clássicos sobre contato linguístico e variação propostos por Weinreich, Labov e Herzog (2006), Ferguson (1972), Fishman (1964, 1965a, 1965b), Gumperz (1982) e Labov (1994, 2008). O corpus é constituído por registros lexicográficos e descritivos que documentam as línguas hunsriqueana e alemã – o *Dicionário hunsriqueano riograndense – português* (Boll, 2021) e o *Langenscheidt Universal-Wörterbuch Brasilianisches Portugiesisch: Portugiesisch–Deutsch / Deutsch–Portugiesisch* (Langenscheidt, 2010) – revisados por falantes de Hunsrückisch e de alemão padrão, que colaboraram na validação e interpretação de equivalências lexicais. Também se incorporam análises e descrições de Vilela (2004), Spinassé (2016; 2017), Altenhofen (2013), Altenhofen e Morello (2018) e Oliveira (2018), que situam o Hunsrückisch

no contexto sociolinguístico brasileiro e Weber (2020) e Gregory (2013) na perspectiva histórica. As ocorrências de *code-mixing* e de empréstimos lexicais foram sistematizadas em uma tabela analítica, evidenciando padrões de integração lexical e morfológica de vocábulos portugueses, dialogando com contribuições de Riehl (2009, 2014), Matras (2020), Limberger (2021), Spinassé (2016, 2017) e Lindenfelser (2024). Dessa forma, o estudo evidencia que os empréstimos lexicais constituem parte essencial do *code-mixing* que emerge do contato entre o Hunsrückisch e o português brasileiro. Esses empréstimos revelam processos de adaptação linguística que refletem o modo como as duas línguas se entrelaçam nas práticas comunicativas cotidianas, preservando a funcionalidade e o valor simbólico do Hunsrückisch em contextos multilíngues.

O artigo organiza-se em quatro movimentos analíticos articulados. Primeiro, apresentou-se, na Introdução, a pergunta de pesquisa e o enquadramento teórico, formulando a hipótese de que *code-mixing* e empréstimos lexicais operam como mecanismos de vitalidade no repertório hunsriqueano em ecologias multilíngues. Em seguida, discute-se a constituição histórica da língua de imigração, da formação comunitária à repressão do Estado Novo e às políticas recentes de mapeamento e cooficialização, situando o Hunsrückisch entre denominações concorrentes e propostas normativas distintas – notadamente o modelo associado ao ALMA-H e a ortografia Hunsrik/Taytx proposta pela SIL. A terceira parte examina os fenômenos de contato linguístico, diferenciando *code-switching*, *code-mixing*, empréstimos lexicais, *Lehnprägungen*, processos de *koineização* e a formação de variedades intermediárias. Por fim, a conclusão retoma os principais achados, mostra como eles respondem à hipótese inicial e aponta implicações para a análise dos repertórios de línguas de imigração em contextos multilíngues contemporâneos.

2 A língua da imigração alemã no Brasil: o caso do Hunsrückisch

O Hunsrückisch é uma abstração linguística que representa uma variedade do alemão originada da região homônima na Renânia Central, na Alemanha. Historicamente, é associado às comunidades de imigração que preservaram essa língua após migrarem, especialmente para o Brasil (Gregory, 2013). Esse modo de falar varia significativamente entre gerações, classes sociais, e situações de uso, refletindo as características dinâmicas de todas as línguas. Apesar disso, a delimitação dessa variedade é essencial para identificar e descrever o que se entende como Hunsrückisch, considerando aspectos linguísticos e históricos comuns que caracterizam essa língua.

De acordo com Gregory (2013, p. 11), é possível situar o Hunsrückisch no interior de um processo migratório mais amplo, marcado pela chegada de camponeses de diferentes regiões de língua alemã ao Brasil, sobretudo a partir do século XIX. As colônias do Sul – em especial no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná – foram povoadas por grupos oriundos de áreas diversas, mas a região do Hunsrück destacou-se como importante fornecedora de imigrantes camponeses, majoritariamente católicos e falantes do dialeto Hunsrück (Gregory, 2013, p. 15). Esses contingentes foram assentados em núcleos coloniais relativamente homogêneos e, ao longo do tempo, expandiram-se por meio de novas frentes de colonização e migrações internas, formando redes de descendentes que se estendem hoje por diferentes regiões do território brasileiro. Nesse contexto, a variedade que aqui se denomina Hunsrückisch se enraíza em

trajetórias históricas específicas de ocupação do espaço, organização comunitária e negociação identitária, nas quais a língua se articula a práticas religiosas, escolares e associativas que deixaram marcas duradouras na paisagem sociocultural teuto-brasileira.

Essa diversidade de destinos e fluxos migratórios também apresenta diferentes concepções identitárias e linguísticas que refletem até mesmo nas tentativas de uma grafia para a língua e seu nome. Como mostram Von Mühlen e Kersch (2021, p. 327), a discussão sobre a escrita do hunsriqueano insere-se em um quadro mais amplo de multilinguismo e de hierarquização de línguas no Brasil. As autoras lembram que, segundo a UNESCO, a vitalidade de uma língua depende também de sua capacidade de se abrir a novos âmbitos e meios de circulação, o que torna a modalidade escrita um fator decisivo para a sobrevivência de línguas minoritárias em contextos crescentemente urbanizados. No caso do hunsriqueano – variedade alóctone de origem alemã, ainda hoje falada por cerca de 1,2 milhão de pessoas sobretudo no Rio Grande do Sul, em Santa Catarina e no Espírito Santo –, trata-se de uma língua majoritariamente oral, marcada por situação de diglossia em relação ao alemão-padrão e ao português, mas que já conta com uma pequena, embora importante, tradição escrita em jornais, livros e, mais recentemente, na internet (Von Mühlen; Kersch, 2021, p. 332). Diante das pressões sociais e simbólicas que favorecem o uso das línguas oficiais e de prestígio, o desenvolvimento e a ampliação dos usos sociais da escrita em hunsriqueano – ainda que por meio de diferentes estratégias gráficas e antes mesmo de um consenso ortográfico – constituem um instrumento central de visibilização, valorização e manutenção dessa língua de imigração no Brasil.

Existe uma perspectiva que adota o Hunsrückisch como denominação buscando manter e descrever uma prática de escrita já existente entre os falantes, como defendido pelo Projeto Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch (ALMA-H) e amplamente aceita pela academia. A proposta desenvolvida pelo grupo ESCRITHU (Sistema de Escrita do Hunsrückisch), vinculado ao ALMA-H e coordenado por Cléo V. Altenhofen, baseia-se em critérios linguísticos, históricos e pedagógicos, procurando equilibrar traços do alemão-padrão com a autonomia adquirida pela língua no contexto brasileiro. A normatização proposta por esse grupo visa preservar o Hunsrückisch como patrimônio cultural e também fomentar sua educação e reflexão linguística, promovendo sua integração em contextos acadêmicos e comunitários (Altenhofen *et al.*, 2007).

Nessa direção, Altenhofen *et al.* (2007, p. 74) argumentam que a fixação de uma escrita para o Hunsrückisch parte do reconhecimento da língua como sistema autônomo, dotado de direito pleno a uma forma gráfica própria, e não apenas como “variante baixa” subordinada ao alemão-padrão. A escrita é concebida como convenção que precisa ser aprendida e testada na prática, devendo garantir, ao mesmo tempo, legibilidade para os falantes do Hunsrückisch e inteligibilidade mínima para leitores familiarizados com outras variedades do alemão. Os autores ressaltam ainda que a proposta não pretende apagar a variação interna, mas organizá-la, reconhecendo pelo menos três grandes perfis de Hunsrückisch (com traços mais moselanos, mais renanos ou mais próximos do padrão). Ao articular essa base ortográfica com objetivos pedagógicos mais amplos – como a elaboração futura de um dicionário trilingue Hunsrückisch–alemão-padrão–português e a transliteração sistemática de etnotextos coletados pelo ALMA-H –, o grupo projeta a escrita como ferramenta de registro, comparação e educação linguística, abrindo caminho para que o Hunsrückisch circule em novos domínios e consolide seu estatuto de língua de imigração no Brasil (Altenhofen *et al.*, 2007, p. 76).

Em contraposição, o Projeto Hunsrik propõe uma abordagem voltada à autonomia do idioma enquanto língua germânica distinta, adaptada à realidade sul-americana, denominando-a Hunsrik. Essa proposta defende o uso de um sistema ortográfico transparente, fundamentado na correspondência direta entre grafemas e fonemas, de modo que cada som seja representado por um único símbolo. Inspirado no inventário gráfico do português brasileiro, o modelo proposto pela SIL Global busca facilitar o aprendizado e a codificação linguística pelas novas gerações. Um exemplo ilustrativo é a forma Taytx para “alemão” (Deutsch), em que ay representa o ditongo [aɪ], como em pai, e tx o som [tʃ], como em tchau, tornando a escrita previsível para leitores alfabetizados em português. Desenvolvido desde 2004 no município de Santa Maria do Herval (RS), o projeto adota essa ortografia “abrasileirada” para valorizar a evolução do idioma no Brasil e promover uma revitalização mais acessível e desvinculada de padrões externos ou históricos, sob o argumento de que o aprendizado do alemão-padrão é mais difícil (Rio Grande Do Sul, [s.d.]; Maselko, 2013).

A proposta de Wiesemann (2008) insere essa ortografia “abrasileirada” em um escopo mais abrangente, no qual a codificação do Hunsrik depende tanto de uma análise fonológica rigorosa – que seleciona apenas os sons contrastivos para compor o alfabeto – quanto do reconhecimento do contexto social e escolar em que a língua é usada. Em vez de pressupor o domínio do alemão standard, tratado como “ciência quase perdida” entre muitos descendentes de imigrantes, a autora defende que não há qualquer necessidade de saber ler em alemão-padrão para ler e escrever em Hunsrik, e que a escolha de um sistema regular, com um símbolo para cada fonema, facilita a alfabetização de crianças e adultos já letrados em português. Nessa perspectiva, a ortografia proposta foi pensada para dialogar com o inventário gráfico do português brasileiro, mas sem subordinar o Hunsrik a ele, em que se opta, por exemplo, por não marcar substantivos com maiúscula nem aglutinar longos compostos, buscando uma escrita funcional, legível e apropriada ao uso escolar, projetando essa ortografia como base possível para uma “nova escola brasileira” que reconheça também a língua dos colonos como língua primeira de ensino, convertendo o bilinguismo Hunsrik–português em recurso e não em obstáculo (Wiesemann, 2008, p. 3).

Mais recentemente, Lindenfelser (2024) introduz uma terceira via ao discutir práticas efetivas de escrita do Hunsrückisch em contextos digitais. Em um estudo grafemático com 350 postagens e comentários de falantes em redes sociais, o autor demonstra que a escrita espontânea da língua revela uma grande variação nas correspondências grafema-fonema, frequentemente influenciada pelo português brasileiro e pelos usos cotidianos dos falantes, e não necessariamente pelos modelos normativos propostos. Fenômenos como a vocalização do /r/ em <a> (fa ‘für’), a alternância entre <y>, <i> e <j> para /j/, ou a adoção de grafias como <ai> e <oi> em lugar das correspondências alemãs <ei> e <eu> indicam um processo ativo de grafematização de base comunitária.

Esses resultados sugerem que a vitalidade e o próprio uso do Hunsrückisch não se limita às iniciativas institucionais de padronização, mas também se manifesta na criatividade e na adaptabilidade das práticas escritas cotidianas. A escrita “de baixo para cima” descrita por Lindenfelser (2024, p. 73) reforça a ideia de que a preservação linguística ocorre tanto nas esferas acadêmicas e pedagógicas quanto nas dinâmicas sociais e digitais, onde os falantes constroem – intuitiva e coletivamente – uma ortografia viva, que reflete sua condição bi/multilíngue e o contínuo diálogo entre o português e o alemão no Brasil contemporâneo (Lindenfelser, 2024).

Há diferentes níveis de complexidade ao se analisar o Hunsrückisch – desde a própria nomeação da língua até os processos de normatização e as dimensões identitárias envolvidas. Diante dessa diversidade, marcada por contatos múltiplos e trajetórias históricas distintas, torna-se inviável propor uma descrição uniforme dos empréstimos e de suas ocorrências. As interações linguísticas não se limitam ao português, mas também envolvem outras línguas de imigração e contextos regionais variados, o que faz com que o vocabulário e as práticas discursivas assumam características específicas em cada comunidade. Assim, a denominação Hunsrückisch e a seleção dos exemplos analisados neste estudo devem ser entendidas como representativas de um recorte, e não como abarcando a totalidade das variedades em circulação no Brasil e em outros países da América do Sul.

A distinção proposta por Calvet (2007, p. 68) entre os fenômenos *in vivo* e *in vitro* permite compreender a tensão entre o uso espontâneo das línguas e as tentativas de regulá-las por meio de planificação. Fenômenos *in vivo* nascem do uso cotidiano, das práticas comunicativas e da criatividade coletiva dos falantes, refletindo a vitalidade e a adaptabilidade das línguas diante das transformações sociais. Já os fenômenos *in vitro* resultam de processos planejados, conduzidos por instituições ou pesquisadores que observam e descrevem o funcionamento linguístico a partir de uma perspectiva externa. Essa distinção teórica se articula com a reflexão de Oliveira e Altenhofen (2009, p. 211), para quem o desafio da política linguística no Brasil consiste justamente em criar pontes entre essas duas dimensões – reconhecer o dinamismo comunitário das práticas *in vivo* sem negligenciar a importância dos instrumentos *in vitro* de documentação, ensino e salvaguarda. No caso do Hunsrückisch, isso significa reconhecer que o processo de padronização não deve ser apenas um exercício técnico de normatização, mas uma construção coletiva, enraizada na vitalidade cotidiana da língua. A escrita espontânea nas redes sociais, os modos locais de nomear a língua e as diferentes formas de interação bilíngue exemplificam esse caráter *in vivo* da diversidade linguística, que convive e dialoga com esforços *in vitro* de registro e ensino – ambos necessários, mas em constante tensão produtiva.

De acordo com Limberger (2025, p. 491), o contato entre o Hunsrückisch e o português brasileiro manifesta-se em processos cognitivos e metalinguísticos que evidenciam a complexidade do repertório bilíngue dos falantes. Seus estudos demonstram que o conhecimento do Hunsrückisch pode favorecer o reconhecimento de palavras e a leitura em português e em alemão-padrão, indicando que há uma inter-relação entre as representações lexicais das línguas no cérebro e o chamado efeito cognato. Essa constatação reforça a ideia de que o *code-mixing* e os empréstimos lexicais configuram estratégias de adaptação e flexibilidade que mantêm o sistema vivo e funcional.

Além de representar a herança linguística e cultural de seus falantes, o Hunsrückisch passou a constituir uma identidade própria, moldada pela convivência entre diferentes tradições dialetais germânicas e pelo intenso contato com o português brasileiro e outras línguas de imigração. O termo *Brasildeutsch* foi proposto por Heye (1981) para designar, de forma abrangente, as variedades de alemão faladas no Brasil, considerando-as como uma suposta variedade comum resultante da imigração germânica. Contudo, Altenhofen e Morello (2018, p. 24) observam que essa denominação constitui uma classificação *in vitro*, isto é, criada a partir de uma perspectiva externa e teórica, sem correspondência direta no uso real das comunidades.

Mais além, Oliveira e Altenhofen (2009, p. 188) argumentam que termos como *Brasildeutsch* “são resultado da decisão individual (*in vitro*) de pesquisadores dessas línguas, portanto sem intervenção de membros diretos da comunidade de fala, isto é, configuraram-se como termos técnicos atribuídos artificialmente de fora para dentro do contexto de uso da língua”. Em contraste, denominações *in vivo* – como *Hunsrückisch*, *Hunsriqueano* ou *Hunsrick*, – refletem autodenominações efetivamente utilizadas pelos falantes e, portanto, possuem maior legitimidade sociolinguística e valor identitário. Por não designar um sistema uniforme, o *Hunsrückisch* se manifesta de maneiras diversas nas comunidades em que foi preservado, variando conforme o contexto histórico, o grau de contato interétnico e a política linguística local. Como destaca Habel (2018, p. 321), as autodenominações dos falantes – *Deitsch*, *Platt*, *Dialekt*, *Hunsrickisch*, *Hunsbucklisch*, *Heckedeitsch*, *Heckesprach*, *Lajeademeeessisch*, *Batata-Deitsch*, *verbbrochne Deutsch*, *normale Deutsch*, *unser Deitsch*, alemão do mato, alemão batata, alemão misturado, entre tantas outras – expressam tanto a vitalidade quanto as tensões simbólicas dessa língua em um espaço multilíngue. A própria noção de “*Hunsrückisch*” é, portanto, uma abstração sociolinguística (Altenhofen; Morello, 2018, p. 23), resultado de múltiplas histórias de contato e de processos de *koineização* entre dialetos germânicos como o pomerano, o bávaro, o suábio, o tirolês, o suíço e o boêmio, bem como com outras línguas de imigração, como o italiano e o polonês, por exemplo.

A *koineização*, conforme explica Riehl (2009, p. 138), é o processo pelo qual diferentes dialetos, ao entrarem em contato prolongado, passam por um nivelamento e simplificação de suas formas, dando origem a uma nova variedade comum. Em outras palavras, é como se, do encontro entre múltiplas maneiras de falar – cada uma com suas peculiaridades regionais –, se formasse uma “língua média”, capaz de ser compreendida por todos os grupos envolvidos, preservando traços de cada origem, mas com maior uniformidade estrutural para fins de comunicação.

Nesse sentido, o Inventário Nacional da Diversidade Linguística (Altenhofen; Morello, 2018, p. 129) reconhece que as denominações *Hunsrückisch*, *alemão daqui*, *Hochdeutsch* e *Platt(deutsch)* podem remeter ao mesmo objeto de referência, sublinhando que a autodenominação comunitária é elemento constitutivo da política de reconhecimento e da própria vitalidade da língua. Essa diversidade denominal e estrutural reflete o percurso histórico de adaptação das comunidades teuto-brasileiras e confirma que o *Hunsrückisch* não se define pela fixidez, mas pela sua capacidade de renovação linguística. Desse modo, os empréstimos lexicais, o *code-mixing* e as práticas de escrita híbrida não devem ser vistos como desvios, mas como formas de atualização da língua que emergem das condições reais de bi/multilinguismo e de suas diferentes histórias de contato.

A frequência e o domínio do uso do alemão variam conforme a geração, o grau de escolaridade e as redes de convívio dos falantes: enquanto alguns grupos mantêm o idioma como língua principal nas interações cotidianas, outros o utilizam de modo mais restrito, alternando-o com o português conforme o contexto comunicativo. É notável que, em várias localidades do Rio Grande do Sul, o *Hunsrückisch* ainda desempenha o papel de língua principal nas interações familiares e comunitárias (Vilela, 2004).

A diglossia também permite compreender, de forma generalizada, como o *Hunsrückisch* pode ser marginalizado em relação ao português, devido à hierarquia linguística estabelecida e às atitudes linguísticas associadas à língua de imigração. Como observado por Ferguson (1972, p. 234), em situações diglósicas, a variedade “alta” tende a ser percebida

como mais prestigiada e útil, enquanto a variedade “baixa” é relegada a contextos informais. Essa ideia também evidencia a visão de uma “língua de colonos” ou até a denominação “alemão batata” que acaba sendo internalizado e utilizado pelos próprios falantes. Parte considerável dos empréstimos lexicais do português no Hunsrückisch provém de termos ligados à “roça” e à vida cotidiana da agricultura familiar. Contudo, esse processo está longe de se restringir ao universo rural. Como veremos adiante, a língua recorre a diferentes tipos de empréstimos para se manter atualizada à medida que a sociedade se transforma e surgem novos objetos, práticas e esferas de interação que demandam nomeação.

A política linguística monoglóssica instaurada historicamente pelo Estado brasileiro consolidou o português como língua dominante, atribuindo-lhe o estatuto de variedade legítima e institucional. Como observa Altenhofen (2013, p. 94), o critério central para definir o que é “minoritário” não é o número de falantes, mas o status político das línguas – e, nesse sentido, o português foi erigido como língua “alta”, símbolo da unidade nacional. Essa assimetria, entretanto, não se traduz em simples subordinação. A convivência entre o português e o Hunsrückisch opera em uma zona de contato onde o empréstimo lexical emerge como prática de mediação simbólica. Calvet (2007, p. 65) lembra que o empréstimo é uma das formas mais vitais de adaptação das línguas, expressão da “gestão *in vivo*” que os próprios falantes exercem sobre seus repertórios. Nessa perspectiva, os empréstimos não configuram a submissão da variedade minoritária à dominante, mas a reconfiguração constante de seus limites de significação – uma forma de autopoiese linguística pela qual o Hunsrückisch absorve, traduz e reinterpreta o português, preservando-se ao modificar-se.

O contato linguístico entre o Hunsrückisch e o português brasileiro, além de outras línguas de imigração e de fronteira, desempenhou um papel determinante na trajetória sociolinguística dessa língua de imigração. Nas colônias germânicas do Sul, o Hunsrückisch (e outras variedades do alemão) predominava nas interações familiares, nas redes comunitárias rurais e mesmo em instituições locais, como escolas e igrejas étnicas (Gregory, 2013, p. 22), enquanto o português se vinculava progressivamente às instâncias estatais – escola pública, imprensa nacionalizada e administração –, sobretudo a partir das campanhas de nacionalização da Era Vargas. O bilinguismo resultante desse convívio produziu influências recíprocas entre as duas línguas, ainda que de naturezas distintas. O português exerceu forte influência estrutural e lexical sobre o Hunsrückisch, introduzindo novos vocábulos e adaptações sintáticas; já o Hunsrückisch deixou marcas mais pontuais no português regional do Sul do país, especialmente em termos ligados à culinária, às festas e à vida comunitária – como nomes de pratos, bebidas e expressões típicas. Fishman (1989) observa que o deslocamento linguístico, em contextos de contato desigual, tende a ocorrer quando as funções sociais e culturais de uma língua minoritária são gradualmente absorvidas pela dominante, em consonância com as mudanças nas relações de poder e na organização social. No entanto, no caso do Hunsrückisch, o processo descrito por Fishman (1989) não se cumpre como simples substituição. O contato com o português produz uma zona de fricção e criação, em que a língua minoritária metaboliza o léxico dominante – reelaborando-o segundo sua própria lógica fonética, sintática e afetiva. Os empréstimos, assim, funcionam como operações de tradução interna: palavras portuguesas passam a circular com outros acentos, outras valências, outro pertencimento. Nessa dinâmica, o Hunsrückisch transforma o português em matéria de continuidade, reinventando-se no próprio gesto de incorporar o alheio e apropriar-se dele.

Durante o Estado Novo (1937–1945), as línguas de imigração—entre elas o Hunsrückisch— tornaram-se alvo direto da política de nacionalização conduzida pelo governo Vargas. O regime, ao buscar consolidar uma identidade nacional monolíngue, impôs o português como única língua legítima de expressão e puniu severamente o uso público das demais (Imagem 1 e 2). Como documenta Oliveira (2009, p. 22), a repressão atingiu com especial intensidade as regiões coloniais do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, onde a estrutura minifundiária e a colonização homogênea haviam garantido, por décadas, a reprodução do alemão e do italiano como línguas de uso cotidiano. Nesses territórios, o Estado Novo transformou a fala em campo de suspeita, em que escolas comunitárias foram ocupadas, jornais e gráficas foram fechados, e cidadãos brasileiros foram presos e até torturados sob a acusação de “crime idiomático”. O impacto foi devastador nesse período— as línguas de imigração perderam seu espaço escrito e urbano, recuando para a oralidade doméstica e para o meio rural, em contextos comunicativos cada vez mais restritos.

Aprofundando-se nesse contexto histórico, Weber (2020, p. 32) evidencia que medidas como o Decreto-Lei nº 406/1938 e a atuação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) institucionalizaram a censura e a vigilância sobre o uso das línguas estrangeiras, legitimando juridicamente a política de nacionalização. Esse conjunto de ações produziu um silenciamento linguístico duradouro. No caso do Hunsrückisch, essa ruptura explica a perda de suas práticas escritas e a dificuldade posterior de consolidação de um léxico ortográfico, como demonstra Limberger (2021), ao relacionar a ausência de alfabetização bilíngue à exclusão histórica da língua dos espaços formais de ensino e letramento.

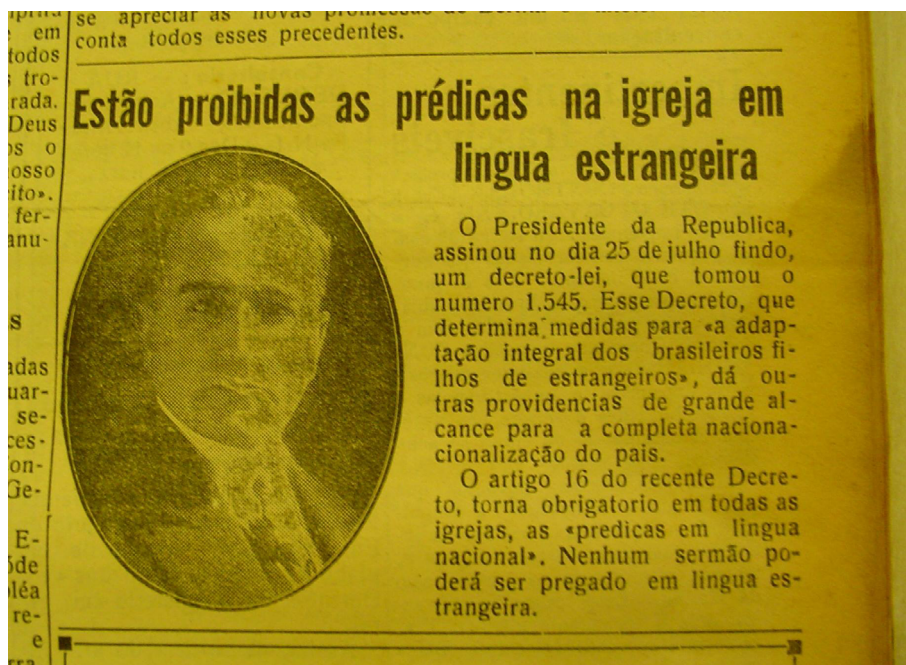
Limberger (2021) realizou um experimento psicocognitivo para investigar como falantes bilíngues constroem o léxico ortográfico do tipo *Deitsch* do Hunsrückisch, isto é, como reconhecem visualmente palavras escritas em uma variedade essencialmente oral. A oposição *Deitsch/Deutsch* da mesma variedade do Hunsrückisch seria para diferenciar uma variedade mais próxima do alemão padrão (tipo *Deutsch*) e outra mais dialetal (tipo *Deitsch*). O estudo envolveu três grupos de participantes: o primeiro grupo (GHA) reuniu falantes de *Deitsch* com proficiência avançada em alemão-padrão (*Hochdeutsch*); o segundo (GH) foi composto por falantes de *Deitsch* que não possuíam conhecimento significativo de alemão-padrão (nível máximo A1); e o terceiro (GA), usado como grupo de controle, incluiu falantes de português e alemão-padrão sem contato com línguas minoritárias germânicas. A tarefa experimental consistiu em uma decisão lexical, na qual os participantes deveriam identificar se as palavras exibidas numa tela “existiam” em sua língua. Foram utilizadas três condições de estímulos: (a) HR-AS, palavras cognatas ao alemão-padrão, (b) HR, palavras típicas do *Deitsch*, e (c) PseudoHR, pseudopalavras criadas conforme as convenções propostas por Altenhofen *et al.* (2007). Os resultados mostraram que os falantes bilíngues com conhecimento de alemão-padrão (GHA) apresentaram maior acurácia e menor tempo de resposta, o que sugere transferência das regras grafema–fonema do alemão-padrão para o *Deitsch*. O grupo GH também demonstrou aprendizagem ao longo das quatro rodadas, indicando a possibilidade de construção de um léxico ortográfico mesmo sem instrução formal. Já o grupo GA tratou as palavras em *Deitsch* como pseudopalavras, evidenciando ausência de representações ortográficas prévias. O estudo confirma que o processamento da leitura em línguas minoritárias pode ocorrer de modo eficiente entre adultos alfabetizados, desde que haja exposição sistemática e oportunidades de prática, reforçando a importância de iniciativas educativas voltadas à escrita e leitura do *Deitsch*.

Imagem 1 – Aviso em Repartição Central de Polícia de São Lourenço do Sul (RS), março de 1942



Fonte: Foto Acervo de Edilberto Luiz Hammes. Publicado em "Folha Pomerana" N° 231, 2018 – 17 de março de 2018. (Disponível em: <https://jornalggn.com.br/historia/e-proibido-falar-italiano-alemao-e-japones/>. Acesso em: 17 abr. 2026)

Imagem 2 – Notícia em jornal de Santa Catarina sobre o Decreto de proibição do uso das línguas de imigração



Fonte: Jornal Diário da Tarde. Florianópolis-SC, Ano V, nº 1.221, datado de 31 de agosto de 1939.

A repressão às línguas de imigração durante o Estado Novo representou um marco na história sociolinguística brasileira, configurando um cenário em que o português foi imposto como única língua legítima no espaço público e institucional. Esse contexto histórico, contudo, não impediu que houvesse resistência. Gälzer e Magalhães (2024, p. 9) mostram que, embora o Estado Novo tenha imposto severas restrições ao uso público do alemão – enquadrando-o como ameaça à unidade nacional e vinculando seu emprego à suspeita de traição à pátria – o idioma de imigração permaneceu central na construção da identidade étnica sobretudo no âmbito doméstico. As autoras evidenciam que a combinação entre legislação repressiva, vigilância policial, delações e um clima difuso de medo levou muitos descendentes de alemães a evitar o uso do idioma em espaços públicos, mas não impediu sua manutenção na família, especialmente entre os mais idosos, responsáveis pela transmissão intergeracional da língua. Nesse contexto, o alemão passa a ser renegociado como marcador de uma “brasileiridade étnica”, em que os sujeitos se afirmam brasileiros, adotam o português como língua de visibilidade nacional e adequação cívica, mas preservam o alemão como patrimônio afetivo, cultural e religioso. Ao analisar relatos de fiéis, pastores e moradores do Vale do Rio dos Sinos, Gälzer e Magalhães (2024, p. 13) demonstram que a política linguística estatal também produziu formas complexas de resistência e acomodação, como o uso seletivo das línguas conforme o interlocutor e o espaço, a tradução de prédicas, o esconderijo de livros em alemão e a persistência de práticas linguísticas que desafiavam, de maneira discreta, o ideal monolíngue projetado pelo Estado.

Altenhofen e Morello (2018, p. 133-134) observam que a continuidade do Hunsrückisch está intrinsecamente ligada à presença de interlocutores falantes no ambiente familiar. O levantamento realizado revela que, em casamentos mistos, onde um dos cônjuges não fala a língua, é costume que o português assuma o papel de “língua comum”, reduzindo o espaço do Hunsrückisch no cotidiano. Mesmo em lares onde ambos os cônjuges falam a língua, isso não garante que ela será transmitida às gerações seguintes. Dados como os apresentados na Tabela 1 mostram um declínio significativo na transmissão intergeracional: enquanto 260 respondentes afirmam usar o Hunsrückisch com o cônjuge, apenas 191 mencionam o uso com os filhos, e esse número cai drasticamente para 32 no caso dos netos.

Tabela 1 – Uso do Hunsrückisch nos lares

Língua respondida	SC06	SC03	SC01	SC02	ES01	ES02	Total
Cônjuge	88	63	53	18	29	9	260
Filhos	74	35	43	8	23	8	191
Netos	13	5	10	1	2	1	32

Fonte: Altenhofen; Morello (2018, p. 133).

Não analisaremos o perfil dos respondentes, apenas para contextualizar ao leitor, as amostras foram coletadas em comunidades falantes de línguas de imigração em nos estados de Santa Catarina (SC01, SC02, SC03, SC06) e do Espírito Santo (ES01, ES02). Os entrevistados contemplam diferentes faixas etárias, gênero, grau de estudo e domínio da língua. Nossa análise, com base na Tabela 1, recai sobre como esse padrão de perda geracional é agravado por transformações sociais e culturais que afastam o processo de formação linguística do núcleo familiar.

Em comunidades rurais, onde as interações sociais são mais restritas a círculos familiares e comunitários, o uso da língua tende a ser mais preservado. Contudo, em áreas urbanas, onde as oportunidades de interação ocorrem em contextos mais amplos e diversificados, o português brasileiro predomina, dificultando a transmissão intergeracional do Hunsrückisch. Pesquisas realizadas como parte do Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL) revelaram que a língua ainda desempenha um papel importante como marcador identitário em algumas comunidades. No entanto, atitudes linguísticas negativas em relação ao Hunsrückisch, frequentemente visto como uma “língua quebrada” ou “língua de mato”, contribuem para estigmas que favorecem a língua padrão e reforçam a hegemonia do português. Esses fatores, aliados à falta de políticas linguísticas eficazes para sua salvaguarda, resultam em uma diminuição de sua vitalidade linguística (Altenhofen; Morello, 2018, p. 33).

A iniciativa do Inventário do Hunsrückisch, promovida pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), em parceria com o Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística (IPOL), é uma tentativa de documentar, valorizar e proteger essa língua como um bem cultural imaterial do Brasil. Por meio de pesquisas de campo e coleta de dados, o inventário busca compreender a diversidade interna da língua, sua extensão geográfica e as práticas linguísticas de seus falantes. O reconhecimento do Hunsrückisch como uma referência cultural brasileira pelo INDL tem sido fundamental para reposicionar a língua no cenário sociopolítico nacional, promovendo sua inclusão em debates sobre políticas de preservação linguística e cultural (Altenhofen; Morello, 2018, p. 97).

3 Histórico do Hunsrückisch no Brasil e o contato linguístico com o português

O contato linguístico emerge quando grupos com repertórios distintos passam a interagir de forma continuada – quase sempre em cenários atravessados por assimetrias históricas como guerras, colonialismo e migrações (Thomason, 2001). Os efeitos desse convívio variam conforme intensidade e duração do contato, tipo de relação social, econômica e política, funções comunicativas envolvidas e grau de parentesco estrutural entre as línguas. Em muitos contextos, minorias linguísticas perdem falantes ou domínios de uso; em outros, reconfiguram práticas e valores para sustentar a circulação da língua.

As mudanças decorrentes do contato podem ocorrer em todos os níveis. No plano fonético, bi/multilíngues frequentemente assimilam sons da L2 às categorias da L1; no gramatical, elementos de uma língua são incorporados e acomodados à morfossintaxe da outra (por exemplo, atribuição de gênero em empréstimos em variedades do alemão da diáspora). Na sintaxe, padrões de ordem e concordância podem ser reinterpretados com base na língua dominante; no léxico, surgem empréstimos diretos, *loanshifts* (ampliação semântica), *calques* (traduções literais como *arranha-céu* do inglês *skyscraper*) e híbridos morfológicos (p. ex., compostos teuto-lusos como *Milhebrot*). Esses processos são estratégias de integração que estabilizam a comunicação e ampliam repertórios (Edwards, 2004; Nübling *et al.*, 2017).

Já o *code-switching* envolve a mescla de materiais de dois códigos na mesma conversa – entre sentenças (inter) ou dentro da sentença (intra) – e pode incluir *tag/discourse-marker switching* com funções discursivas específicas (Thomason, 2001; Muysken, 2007). Já a *code*

alternation refere-se a escolhas separadas por domínios: uma língua em casa, outra no trabalho. Tudo isso se apoia numa visão não binária do bi/multilinguismo: não se exige proficiência idêntica, mas um repertório distribuído por domínios, com graus, funções, alternância e interferência variáveis (Riehl, 2014). O contato gera tanto mudança estrutural quanto ecologias de uso, e é nessa zona de fricção – não no laboratório da língua ideal – que as comunidades constroem continuidades.

No caso do Hunsrückisch no Brasil, o contato prolongado com o português produziu exatamente o pacote de efeitos descritos pela literatura. Já são mais de duzentos anos desde a chegada do Hunsrückisch ao Brasil. Em 1824, o governo brasileiro, interessado em promover a ocupação e o desenvolvimento agrícola de terras no sul do país, deu início a um programa de incentivo à imigração, especialmente de europeus. Os primeiros grupos de colonos alemães, oriundos da região do Hunsrück, na Renânia Central, fixaram-se na então recém-fundada colônia de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul. Posteriormente, outros grupos se estabeleceram em Santa Catarina, com destaque para a colônia de São Pedro de Alcântara, fundada em 1829 (Altenhofen; Morello, 2018).

Como uma variedade do alemão médio, o Hunsrückisch rapidamente se consolidou como a “língua de casa” (*Deutsch von dehemm*) e foi usado amplamente no comércio local e nas interações comunitárias (Altenhofen; Morello, 2018, p. 141). A geografia isolada de muitas colônias, aliada à forte coesão social entre os imigrantes, contribuiu para a preservação da língua. Entretanto, os falantes também precisaram interagir com o português, que desempenhava um papel essencial nas interações institucionais e na educação. Essa convivência fomentou um bilinguismo dinâmico, caracterizado pela constante negociação entre os dois sistemas linguísticos.

Com o passar do tempo, a comunidade de falantes enfrentou desafios ainda mais significativos, especialmente durante a Era Vargas (1930-1945). Entre 1937 e 1945, a campanha de nacionalização empreendida pelo Estado Novo restringiu de modo sistemático as expressões públicas de germanidade no Brasil. A partir de 1938, registram-se a imposição do português na escolarização, o declínio da imprensa em língua alemã e a redução de sociabilidades associativas, com o conseqüente desestímulo ao uso público do alemão e de suas variedades (entre elas o Hunsrückisch) (Oliveira, 2009, p. 23; Weber, 2020, p. 30). Como sintetizam Gregory (2013, p. 25) e Oliveira (2009, p. 22), esse processo resultou na retração da língua para o âmbito doméstico, no arrefecimento de atividades de clubes e sociedades e na produção de um ambiente de vigilância e silenciamento, com efeitos diretos sobre a transmissão intergeracional e as práticas letradas.

Fishman (1989) destaca a extrema vulnerabilidade das línguas minoritárias em cenários marcados por repressão cultural e processos de assimilação forçada, onde essas línguas frequentemente perdem espaço e funcionalidade em favor de línguas dominantes. Ele observa que a manutenção de uma língua e de uma identidade étnica requer apoio institucional forte e uma clara compartimentalização de funções linguísticas e culturais. Sem essa estrutura, as línguas minoritárias tendem a ser rapidamente absorvidas, levando a transições linguísticas e culturais que resultam em assimilação. A ausência de complementação e distribuição funcional entre as línguas e culturas, como exemplificado por contextos em que o bilinguismo é transitório, expõe ainda mais as línguas minoritárias à perda de relevância e continuidade, reforçando a necessidade de políticas de preservação linguística e cultural.

Apesar das adversidades, a língua sobreviveu, embora com diferentes graus de vitalidade dependendo da região e do engajamento das comunidades locais. A redemocratização do Brasil e a crescente valorização da diversidade cultural nas últimas décadas possibilitaram um novo olhar sobre o Hunsrückisch. A política linguística de cooficialização de línguas a nível municipal possibilitou novos caminhos para a preservação das línguas nativas e de imigração no país, bem como projetos como o Inventário do Hunsrückisch, promovido pelo IPHAN, em parceria com o IPOL, foram fundamentais para documentar a língua e destacar sua importância como patrimônio cultural imaterial. Sob diferentes alcunhas, seja Hunsrückisch, Hunsrik ou Hunsrick, a língua é cooficial ao lado da língua portuguesa em Antônio Carlos (SC), Ipumirim (SC), Barão (RS), Horizontina (RS), Santa Maria do Herval (RS) e Harmonia (RS). Além disso, esforços acadêmicos, como os conduzidos pelo projeto ALMA-H, e os centros de pesquisa de diferentes universidades nacionais e internacionais forneceram bases sólidas para a compreensão do impacto histórico e social do Hunsrückisch no Brasil.

Romano (2020, p. 20 e 34) destaca que os estudos de geolinguística no Brasil evoluíram consideravelmente desde seus primórdios, especialmente a partir do Projeto ALiB (Atlas Linguístico do Brasil). Este projeto introduziu uma abordagem metodológica unificada para coletar dados sobre a variação linguística em nível nacional. O movimento de mapeamento linguístico expandiu-se para incluir atlas regionais e de pequeno domínio, os quais documentam aspectos específicos da língua portuguesa em diferentes regiões do Brasil. Esses esforços resultaram em contribuições valiosas, como a cartografia linguística detalhada e a introdução de novas dimensões, como variáveis sociolinguísticas e contextos de contato linguístico, incluindo comunidades bilíngues e multilíngues. Tais iniciativas não apenas aprofundaram a compreensão da diversidade linguística no Brasil, mas também serviram de referência metodológica para atlas e projetos de documentação subsequentes, que passaram a contemplar línguas de imigração e minoritárias, contribuindo, assim, para o ensino e a valorização de variedades como o Hunsrückisch.

Como destaca Severo (2025, p. 20), a vitalidade de uma língua não pode ser reduzida à sua presença estatística, mas deve ser compreendida a partir das práticas afetivas, culturais e educativas que lhe conferem sentido. A autora propõe repensar a transmissão intergeracional como um processo expandido, que ultrapassa o domínio familiar e envolve novos agentes – escolas, associações culturais, universidades, igrejas e coletivos locais – capazes de reativar a língua em contextos plurais e contemporâneos. No caso das línguas de imigração, como o Hunsrückisch, esse deslocamento da transmissão doméstica para a comunitária redefine as formas de continuidade linguística: as línguas deixam de ser apenas heranças para se tornarem projetos compartilhados de futuro. A partir dessa perspectiva, o Hunsrückisch é reconfigurado por práticas agentivas e criativas que, ao mesmo tempo em que reafirmam laços identitários, inserem a língua em novos circuitos culturais e educativos. Assim, entende-se a importância das pesquisas acadêmicas não se distanciarem do uso real e cotidiano das comunidades que falam as línguas minoritárias.

Reconhecer e valorizar uma língua não é apenas um ato de justiça linguístico-cultural, mas também uma oportunidade de promover uma educação plurilíngue que respeite e celebre a multiplicidade de vozes que compõem o patrimônio linguístico do Brasil. Entretanto, cabe mencionar que ao passo que as políticas linguísticas de cooficialização de línguas a nível municipal ganham espaço, diferentes concepções sobre como preservar as línguas emergem

e a falta de coesão nos esforços de preservação de uma língua podem criar correntes contrárias que mais dificultam do que contribuem para sua revitalização.

Mais além, o bi/multilinguismo emergente das comunidades de imigração alemã no Brasil resultou em fenômenos linguísticos complexos. Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 95) destacam que o contato prolongado entre línguas frequentemente transforma o repertório lexical e influencia profundamente as relações culturais e sociais. Como apontam os autores, “o estudo de línguas em contato confirma a ideia de que a coexistência estável de longo prazo é muito frequentemente uma ilusão, promovida talvez pela existência de um léxico e de uma morfofonêmica relativamente estáveis (ou até dessemelhantes) (...)”. No caso do Hunsrückisch, esses fenômenos evidenciam a convivência dinâmica entre o português e o alemão, marcando não apenas o uso da língua, mas também sua adaptação às demandas culturais e linguísticas do contexto brasileiro.

Dentre esses fenômenos, o *code-switching*, ou alternância de códigos, é um dos mais marcantes e amplamente estudados. Este processo reflete tanto as adaptações linguísticas necessárias para a convivência das línguas em contextos bi/multilíngues quanto as dinâmicas culturais e sociais subjacentes às práticas linguísticas dos falantes. Gumperz (1982) defende que a alternância de códigos em contextos bilíngues reflete contrastes culturais e identitários, com a língua minoritária funcionando simbolicamente como o “código nós” em atividades informais, enquanto a língua majoritária é o “código eles”, associada a interações formais. No entanto, essas associações não determinam necessariamente o uso real, que depende de contextos discursivos e pressupostos sociais. Diferenciar a alternância de códigos dos empréstimos linguísticos é fundamental, ainda que essa distinção nem sempre se manifeste de forma abrupta. Em termos gerais, os empréstimos tendem a ser incorporados ao sistema gramatical e fonológico de uma língua, tornando-se elementos relativamente estáveis de seu léxico. Já a alternância de códigos envolve a justaposição de estruturas pertencentes a dois sistemas linguísticos distintos, normalmente sem adaptação morfológica imediata.

De acordo com Bullock e Toribio (2009, p. 2), o *code-switching* refere-se à capacidade dos falantes bilíngues de alternarem fluentemente entre suas línguas, motivados por uma variedade de fatores, como suprir lacunas linguísticas, expressar identidade cultural e étnica, ou alcançar objetivos comunicativos específicos. Em Riehl (2009), a alternância implica a co-ocorrência de dois sistemas gramaticais em uma mesma sequência, preservando suas regras, ao passo que Matras (2020, p. 107) descreve um contínuo funcional-estrutural no qual *switches* podem ser “alternacionais” (entre sentenças/orações) ou “insercionais” (itens encaixados em uma língua-base), frequentemente com metas distintas. Nessa chave, o fenômeno não é binário: ele oscila entre escolhas localmente motivadas e graus variados de integração, com classes mais propensas à inserção (sobretudo substantivos) e outras mais restritas (verbos, por ancorarem a predicação e a língua-base). Além disso, certos operadores – conjunções, partículas, marcadores – são particularmente vulneráveis e podem generalizar-se por economia cognitiva, levando à “fusão” de inventários descrita por Matras (2020, p. 147), em que um mesmo conjunto de modificadores passa a operar independentemente da língua ativada.

Já o *code-mixing* – ou mistura de códigos – designa situações em que elementos de duas ou mais línguas se combinam dentro de uma mesma estrutura linguística, de modo que já não é possível identificar fronteiras nítidas entre os sistemas em contato. Diferentemente do *code-switching*, que pressupõe alternância entre códigos distintos, o *code-mixing* envolve a integração de unidades lexicais, morfológicas e até sintáticas de línguas diversas em um

mesmo enunciado, frequentemente de forma inconsciente ou automatizada. Segundo Riehl (2009, p. 141), esse fenômeno é particularmente recorrente em comunidades bilíngues estáveis, nas quais as línguas coexistem de maneira funcional e simbólica, permitindo a criação de repertórios híbridos que expressam identidades locais e estratégias comunicativas próprias.

Matras (2020, p. 77) observa que o *code-mixing* não deve ser entendido como um sinal de “contaminação linguística”, mas como resultado natural de uma competência multilíngue ativa, na qual os falantes mobilizam recursos de diferentes sistemas para construir sentido. Essa mistura reflete o que ele chama de *linguistic fluidity* – a fluidez característica de contextos de contato prolongado, em que as fronteiras entre línguas se tornam permeáveis e a criatividade linguística emerge como prática cotidiana. No caso do Hunsrückisch, por exemplo, o *code-mixing* manifesta-se na criação de formas híbridas e na incorporação de elementos do português brasileiro, fenômenos que não indicam perda, mas adaptação e vitalidade dentro do repertório linguístico.

Riehl (2009, p. 21), percebe que a diferença entre o *code-switching* ou o *code-mixing* do empréstimo lexical situa-se num continuum mais do que numa dicotomia rígida. A autora explica que nem todo uso isolado de um item de outra língua configura *code-switching*: quando uma palavra aparece apenas *ad hoc* em uma enunciação – como *otpusk* em uma frase majoritariamente alemã – alguns autores classificam esse fenômeno como *nonce borrowing* ou “empréstimo pontual”, enquanto outros o incluem no escopo do *code-switching*. Do ponto de vista estritamente linguístico, tais ocorrências não se distinguem claramente de empréstimos já integrados ao léxico, pois ambos podem assumir funções morfológicas ou sintáticas da língua base. Riehl (2009, p. 22) ressalta, porém, que a diferença relevante não está apenas na estrutura, mas no status sociolinguístico que a comunidade atribui ao item – se ele já pertence ao repertório da variedade ou permanece como elemento “convidado” (*guest-word*). Como critérios formais são insuficientes, a recomendação seria em conceber o fenômeno como um gradiente cuja fronteira depende do grau de integração fonológica, morfológica e funcional do item, bem como da percepção dos próprios falantes. Nesse quadro, *code-switching* pode envolver desde palavras isoladas até sentenças completas, ao passo que o empréstimo, ainda que integrado, permanece restrito ao nível lexical.

A distinção entre *code-switching* e empréstimo lexical, embora conceitualmente clara, nem sempre se manifesta de forma abrupta nas práticas linguísticas. O sujeito bi/multilíngue decide, em primeiro lugar, qual idioma servirá de base, e, apenas em uma segunda etapa, se recorrerá à alternância de códigos – algo que ocorre preferencialmente quando o interlocutor também é bilíngue (Grosjean, 1982 apud Mackedanz; Spinassé, 2022). Ziegler (1996) propõe que a diferença essencial entre *switching* e *borrowing* reside no grau de integração do elemento estrangeiro à língua base: enquanto a alternância mantém cada sistema autônomo, o empréstimo já foi fonológica e morfológicamente incorporado. Esse princípio se aplica às línguas de imigração germânicas no Brasil – como o Pomerano e o Hunsrückisch –, nas quais o português funciona simultaneamente como fonte de empréstimos e como língua de alternância. Spinassé (2016, 2017) mostra que o contato com o português gerou tanto hibridismos e criações lexicais quanto eventos de *code-switching* ocasionais, motivados por fatores identitários, temáticos ou expressivos. Assim, a variação lexical nessas comunidades resulta de um contínuo entre alternância e integração, refletindo tanto a vitalidade quanto a permeabilidade do repertório bi/multilíngue.

À luz desse contínuo, os empréstimos lexicais podem ser introduzidos como o ponto em que inserções recorrentes se estabilizam no repertório da comunidade: deixam de depender do controle inibitório típico do bilinguismo em performance e passam a apresentar regularidade de uso, integração fonológica e/ou morfossintática e distribuição como forma “padrão” para um dado conceito. Riehl (2009) destaca os *nonce borrowings* como etapa intermediária – itens ainda não plenamente lexicalizados, mas já moldados ao sistema da língua receptora –, enquanto Matras (2020, p. 150) interpreta o empréstimo como estratégia de gerenciamento de repertório: a generalização de um item, antes alternado, até tornar-se selecionável em qualquer contexto. A tabela a seguir permite-nos observar os empréstimos lexicais do português ao Hunsrückisch e sua correspondência equivalente em alemão padrão:

Tabela 2 – Empréstimos lexicais: Português-Hunsrückisch-Alemão

Português	Hunsrückisch	Alemão (Hochdeutsch)
Ameixa	Amesch	Pflaume
Amiga(o)	Amiga(o)	Freund/Freundin
Anúncio	Anunsio	Veröffentlichung
Aposentadoria	Aposentatorie	Ruhestand
Autoridade	Autoriteet	Bürgermeister
Avião	Aviong	Flugzeug
Avisar	Aviseere	Warnen
Balcão	Barkong	Theke
Bandeja	Bandeesch	Tablett
Banhado	Banhado	Sumpf
Barraca	Barack	Zelt
Barulho	Barulje	Lärm
Bicicleta	Bisiklett	Fahrrad
Bilhete	Biljett	Ticket
Cachimbo	Kaschimb	Pfeife
Caminhão	Kamiong	Transporter
Caneta	Kanett	Stift
Carreta	Karett	Lastkraftwagen (LKW)
Carroça	Kaross	Holz-Karren
Caxumba	Kaschumbe	Zeigenpeter
Churrasco	Schuraske	Grill/Grillen/Grillfleisch
Facão	Fakong	Buschmesser/Machete
Guri(s)	Guri(e)	Junge(n)
Loja	Loja	Geschäft
Macaco (ferramenta)	Makack	Wagenheber
Marreco(a)	Marreck	Ente
Mula	Mule	Maultier
Município	Munizipp	Gemeinde

Neném	Neneche	Baby
Picolé	Pikolee	Eis am Stiel
Pilha	Bilja	Batterie
Potreiro	Potrea	Weide
Puxar	Pusche	Ziehen
Quantia	Quantie	Menge
Relho	Relhe	Peitsche
Roubo	Raab	Diebstahl
Televisão	Tēlevisong	Fernsehen
Venda (pequeno mercado)	Vend	Einkaufsladen

Fonte: elaborado pelo autor com base em Boll (2021) e Langenscheidt (2010).

Calvet (2002, p. 27) observa que “o plurilinguismo faz com que as línguas estejam constantemente em contato. O lugar desses contatos pode ser o indivíduo (bi/multilíngue, ou em situação de aquisição) ou a comunidade” e o resultado desses contatos é um dos objetos centrais dos estudos sociolinguísticos. Como podemos observar com base na Tabela 2, palavras híbridas ou adaptadas do português são amplamente presentes no Hunsrückisch, refletindo o contato linguístico entre o português e o alemão ao longo da história de imigração no Brasil. Exemplos marcantes incluem adaptações como *Fakong* (de “facão”), *Kamiong* (de “caminhão”), *Kaross* (de “carroça”) e *Potrea* (de “potreiro”), que passaram por transformações fonéticas para se encaixar no sistema sonoro do Hunsrückisch.

Outras palavras foram incorporadas diretamente, como *Tēlevisong* (de “televisão”), *Aviong* (de “avião”), *Bilja* (de “pilha”) e *Pikolee* (de “picolé”), que representam conceitos inexistentes na época da imigração ou que ganharam maior utilidade quando já estavam sob maior influência do português. Essas palavras ilustram a necessidade de nomear objetos ou conceitos novos usando a língua majoritária do país. Da mesma forma, termos como *Barack* (de “barraca”), *Schuraske* (de “churrasco”), *Kaschumb* (de “caxumba”), *Autoriteet* (de “autoridade”), *Anunsio* (de “anúncio”), *Raab* (de “roubo”), *Aposentadorie* (de “aposentadoria”) e *Relhe* (de “relho”) demonstram como o vocabulário cotidiano foi influenciado pelo português. No caso de *Schuraske*, também é interessante perceber as preferências intergeracionais, pois o termo é relativamente novo e vem substituindo *Spissfleisch* (literalmente “carne de espeto”), usada pelas gerações mais velhas.

Da mesma forma, os casos de *Amiga(o)*, *Banhado* e *Loja* no Hunsrückisch não correspondem a lacunas lexicais ou à necessidade de nomear realidades inéditas no Brasil, mas sim ao efeito direto do contato intenso e cotidiano com falantes de português. São empréstimos lexicais integrados que se estabelecem não porque o dialeto carecia de termos equivalentes – afinal, o alemão dispõe de formas para “amigo”, “pântano/banhado” e “loja” –, mas porque a convivência interétnica, a mobilidade social e as redes comunicativas bilíngues favoreceram a adoção de certas palavras portuguesas como formas de maior circulação local. Uma vez incorporados, esses vocábulos passam a funcionar como parte natural da língua. Assim, o processo revela a permeabilidade sociolinguística própria de comunidades bi/multilíngues, em que o uso compartilhado e a pragmática da interação determinam o que se estabiliza no repertório hunsriqueano.

Há também fenômenos de formação híbrida e derivação. Exemplos incluem *Gurie* (guri + sufixo alemão *-e* para plural), *Neneche* (neném + sufixo diminutivo alemão *-chen*) e *Miljemehl* (milho + farinha). Em *Miljemehl*, nota-se que o Hunsrückisch usa *Milje* no lugar de *Mais*, do alemão padrão, e isso também ocorre no correspondente para farinha de milho, ao que em Hunsrückisch é *Miljemehl* e em alemão padrão é *Maismehl*. Essas combinações preservam elementos das duas línguas, criando palavras únicas que refletem o contexto bi/multilíngue (Spinassé, 2017, p. 104 e 107). Spinassé (2015, n.p.) apresenta outro caso emblemático dessa hibridização: *Balkonjunge*, formado pelo lexema português “balcão” — assimilado com pronúncia alemã como *balkón* — e o substantivo alemão *Junge* (“menino”), para designar “o menino que trabalha no balcão”. Essa combinação segue a lógica morfológica do alemão, estruturada pelo princípio determinativo — o primeiro elemento (balcão) qualifica o segundo (*Junge*), que funciona como núcleo do composto. Essa organização, típica das línguas germânicas, mostra que o Hunsrückisch mantém padrões estruturais do alemão mesmo incorporando elementos lexicais do português. Esses exemplos demonstram o caráter inovador do Hunsrückisch e revelam como seus falantes criaram um repertório linguístico próprio, que preserva a herança germânica enquanto dialoga com a realidade brasileira. Cabe destacar, ainda, que os falantes de Hunsrückisch do Rio Grande do Sul adotaram o termo *Gurie* (“menino”), mas também usam *Junge* como no termo *Balkonjunge*.

O Hunsrückisch pode ser compreendido, conforme Steffen e Altenhofen (2014), como parte de um vasto arquipélago linguístico germânico na América Latina – um conjunto de “ilhas” formadas por comunidades que compartilham uma herança linguística comum, mas que se desenvolveram em contextos de contato distintos. A longa separação em relação ao território de origem levou ao enfraquecimento do alemão-padrão e ao fortalecimento das variedades dialetais, que passaram a ocupar domínios antes reservados ao *Hochdeutsch*, inclusive na escrita informal. Dentro desse arquipélago, o contato contínuo com diferentes variedades do português brasileiro – e, em certos contextos, com outras línguas do multilinguismo nacional – gerou repertórios próprios, com empréstimos, calques e inovações lexicais que variam conforme cada região.

Além disso, observa-se uma significativa apropriação do português no uso de verbos no Hunsrückisch, que frequentemente são conjugados segundo as regras do alemão. Verbos como lembrar, namorar e ofender tornam-se *lembrieren*, *namorieren* e *ofendieren*, incorporando terminações alemãs típicas, como *-ieren* (Vilela, 2004, n.p.). Outros exemplos incluem *pusche* (de puxar) e *aviseere* (de avisar), que recebem adaptações semelhantes, com desinências alemãs como *-ie* e *-ere*. Esse rico repertório de palavras adaptadas, híbridas e emprestadas evidencia o dinamismo linguístico que preserva elementos culturais e linguísticos de sua matriz alemã enquanto se adapta ao contexto brasileiro.

Esses empréstimos lexicais frequentemente se ajustam aos padrões fonológicos e morfológicos do Hunsrückisch, incorporando-se ao sistema da língua por meio de adaptações de sufixos, ajustes prosódicos e assimilação de fonemas, o que os torna mais familiares aos falantes da língua de imigração. Spinassé (2017, p. 95) observa que a presença desses itens de origem portuguesa passou a ser percebida, por muitos falantes e pela sociedade ao redor, como indício de um suposto “empobrecimento” da variedade, embora essa leitura se baseie em juízos de valor e não em critérios linguísticos. A autora demonstra que nem todas as diferenças entre o Hunsrückisch e o alemão-padrão decorrem do contato com o português, já que diversos traços remontam aos dialetos germânicos de origem. Ainda assim, o prestígio

da língua majoritária e as políticas de nacionalização – especialmente a proibição do ensino e do uso público do alemão durante o Estado Novo – favoreceram a expansão de empréstimos e interferências, contribuindo para a retração do alemão no espaço público e para a consolidação do português como língua de circulação cotidiana, sobretudo em contextos urbanos.

Riehl (2009, p. 21) demonstra que nem toda inserção de elementos de outra língua constitui *code-switching*, muitas ocorrências são *Entlehnungen* (empréstimos) ou *nonce-borrowings*, isto é, itens usados *ad hoc* que não se fixaram no léxico. A diferença estrutural é decisiva: empréstimos são integrados à morfologia e à fonologia da língua que os recebe – como a adoção de sufixos, adaptações de pronúncia ou encaixe sintático –, enquanto o *code-switching* envolve a alternância entre sistemas linguísticos mantendo-se a forma original do item inserido, sem plena integração. No caso do Hunsrückisch, expressões como *alles gut?* ilustram bem esse limite. Vilela (2004) descreve que a forma não corresponde ao alemão corrente utilizado na Alemanha nos dias atuais (*wie geht's?*) nem ao uso gramatical esperado de *alles Gute* que seria “tudo de bom” como um desejo de felicidades em aniversário e não “como vai”, mas também não constitui alternância de código: trata-se de uma *Lehnprägung* influenciada pelo português *tudo bem?*, reinterpretada dentro do sistema hunsriqueano. Podemos assumir com base em Nübling *et al.* (2017, p. 184) que *Lehnprägung* é uma criação por empréstimo, adota-se a ideia de uma palavra e se “forja” um novo signo com material nativo, como *skyscraper* que virou arranha-céu em português e *Wolkenkratzer* em alemão. Desse modo, o *alles gut?* é uma transferência lexical e semântica motivada pelo contato prolongado com o português, e não uma troca efetiva de códigos. Essa distinção é fundamental para compreender por que muitos elementos portugueses presentes no Hunsrückisch – mesmo quando perceptíveis como “estranhos” ao alemão – não configuram *code-switching*, mas sim processos de integração lexical que acompanham transformações sociais e geracionais, como mostram Mackedanz e Spinassé (2022) para o pomerano.

Isso pode ser observado no Hunsrückisch com o uso de termos como *Télévisong* (televisão) e *Pikolee* (picolé), que mesclam a morfologia e a fonologia do alemão com léxicos emprestados do português. No exemplo citado por Vilela (2004, n.p.), a apropriação da expressão *alles gut?* ao invés de *wie geht's?* ou *alles gute* revela não apenas o impacto do português no repertório linguístico dos falantes, mas também a capacidade do Hunsrückisch de integrar novos elementos sem perder sua essência. Esses fenômenos reforçam a ideia de que a língua é um sistema vivo, em constante adaptação às necessidades sociais e culturais de seus falantes.

Calvet (2002) destaca que tanto a alternância de código quanto a mistura de línguas não são meras interferências, mas refletem significados sociais e culturais profundos. No caso do Hunsrückisch, essas práticas frequentemente marcam a dualidade identitária de seus falantes, que transitam entre a herança alemã e a vivência brasileira. A escolha de expressões como *alles gut?*, por exemplo, ancorada no modelo português *tudo bem?*, pode ser vista como uma estratégia para facilitar a comunicação em comunidades bilíngues, mas também pode reforçar estereótipos que associam o Hunsrückisch a uma língua simplificada ou “incorreta”. Contudo, como observa Calvet (2007, p. 63), a capacidade de uma língua de incorporar elementos externos e criar novos significados é um sinal de vitalidade, e não de fragilidade, pois ela precisa ser “equipada” para cumprir determinadas funções.

Altenhofen e Morello (2018, p. 29) mostram que, no Sul do Brasil, o Hunsrückisch rio-grandense passa por um processo de reconfiguração interna em que marcas típicas do francônio-moselano foram, em grande medida, substituídas por variantes do francônio-re-

nano, perceptualmente mais próximas ao Hochdeutsch. No caso do Rio Grande do Sul, os autores observam que o Hunsrückisch atual se aproxima do Pfälzisch, justamente porque formas como *das/was*, associadas ao francônio-renano e ao alemão-padrão, tendem a prevalecer sobre *dat/wat*, mais típicas do francônio-moselano (Altenhofen; Morello, 2018, p. 35). Esse quadro pode ser descrito como um deslocamento de traços em direção a variedades percebidas como mais próximas da norma standard, mas não implica, por si só, o apagamento completo de outras tradições dialetais de origem.

Prediger e Habel (2024, p. 157) mostram que, entre descendentes de imigrantes nordboêmios no Rio Grande do Sul, o repertório atual não pode ser descrito como uma simples substituição de uma variedade por outra, mas como a formação de uma *intermediate variety* (“variedade intermediária”). Essa variedade resulta do encontro de quatro fontes estruturais distintas: (1) formas de contato com o português já fonologicamente adaptadas, como *fosfo/fosfa* (de “fósforo”), *isquero* (de “isqueiro”) e *batate* (de “batata”); (2) variantes próximas ao alemão-padrão, como *Kartoffel* (“batata”), *Pferd* (“cavalo”) e *fliegen/flieche* (formas concorrentes de *pflügen*, “arar”); (3) formas do Hunsrückisch sul-brasileiro que atuam como variedade convergente regional, como *Fixfeuer* (“fósforo”), *Gaul* (“cavalo”, marcado estilisticamente) e *zackre* (“lavar”, “arar”); e (4) resíduos de variantes nordboêmias hoje sobretudo receptivas, como *Erdapfel* (“batata”) e *ackre* (“arar”).

O que emerge desse conjunto não é uma *variety shift* linear, mas um processo de nivelamento e recomposição em que cada item lexical se distribui segundo padrões diatópicos e geracionais. Assim, a variedade resultante não é simplesmente hunsriqueana, nem simplesmente boêmia, nem apenas mais próxima do alemão-padrão: ela é produto da sobreposição histórica de recursos linguísticos diversos que coexistem, competem e se especializam no interior das comunidades.

Por outro lado, regiões como o leste de Santa Catarina e o Espírito Santo apresentaram maior resistência a essa assimilação, mantendo uma convivência entre diferentes variedades linguísticas. Nessas áreas, configurou-se uma espécie de “arquipélago de ilhas linguísticas”, no qual grupos de diferentes origens preservaram suas variedades originais. Essa diversidade demonstra a influência de fatores sociais e geográficos no nível de substituição linguística e na manutenção das variedades locais (Altenhofen; Morello, 2018, p. 35). Fishman (2003, p. 360) destaca que a manutenção de uma língua depende de sua funcionalidade em contextos específicos (ou “domínios”), como família, religião e comunidade. No caso das regiões mencionadas, a manutenção das variedades linguísticas pode ser explicada pela preservação de domínios onde essas línguas continuaram a ser usadas, como no ambiente doméstico e em interações comunitárias. Do mesmo modo, o modelo de Labov, Herzog e Weinreich (2006) sobre o contato linguístico enfatiza que fatores sociais, como isolamento geográfico e coesão comunitária, desempenham um papel central na preservação de línguas minoritárias. As “ilhas linguísticas” descritas podem ser entendidas como exemplos concretos desse processo, em que o isolamento físico e social permitiu a manutenção dessas características linguísticas, enquanto áreas mais integradas à sociedade majoritária experimentaram maior assimilação.

Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 96) situam os sistemas linguísticos coexistentes como uma condição histórica para o contato, e Riehl (2014) mostra que os efeitos concretos desse contato só se realizam nas escolhas que os bilíngues fazem ao falar. A autora demonstra que, em situação de bilinguismo, as duas línguas permanecem simultaneamente ativadas no cérebro, e que a produção linguística envolve constantes mecanismos de seleção e inibição

– o que ela descreve como controle atencional e processamento em modo bilíngue. É nesse jogo fino entre ativação concorrente, escolhas discursivas e demandas situacionais que surgem os fenômenos característicos do contato: inserções lexicais pontuais (*insertion*), alternâncias mais amplas entre segmentos (*alternation*), integrações morfológicas e fonológicas que resultam em empréstimos plenamente incorporados (*Entlehnungen*), e até zonas híbridas de *congruent lexicalization*, quando as duas línguas compartilham uma mesma moldura estrutural (Riehl, 2014, p. 13). Assim, mais do que a presença de duas línguas em uma comunidade, é o manejo interacional desses recursos – o modo como falantes coordenam repertórios, ajustam o código ao interlocutor, negociam sentidos e ativam estratégias conversacionais – que efetivamente gera mudança linguística e transforma os sistemas em contato.

Também se faz necessário entender que o multilinguismo é um conceito que opera em diferentes escalas, Riehl (2014, p. 15) mostra que compreendê-lo exige distinguir seus níveis de manifestação. No plano individual, trata-se do repertório de um falante que utiliza duas ou mais línguas de forma dinâmica, assimétrica e contextual, variando em proficiência, domínio funcional e trajetória de aquisição ao longo da vida. Já o multilinguismo societal refere-se à organização das línguas dentro de uma comunidade: é a ecologia que distribui funções entre diferentes variedades, estabelece hierarquias de prestígio, define domínios de uso e molda processos de manutenção ou substituição linguística. Nesse plano, atua também o *monolingualer Habitus* – o “habitus monolíngue” – que naturaliza a ideia de que a homogeneidade linguística é a norma e relega as demais línguas ao silêncio ou à marginalidade. Há ainda o multilinguismo institucional, que emerge quando escolas, órgãos públicos e políticas educacionais regulam, reconhecem ou silenciam determinadas línguas, seja por meio de modelos bilíngues e iniciativas de promoção, seja pela reprodução de práticas que privilegiam apenas a língua majoritária e reforçam esse mesmo *habitus* monolíngue. A articulação entre esses três níveis – o indivíduo, a sociedade e as instituições – é o que determina as condições reais de vitalidade, transmissão e uso das línguas em contextos contemporâneos, abrindo ou restringindo caminhos para a diversidade linguística.

Outro fenômeno observado pelo contato linguístico fica evidente em estudos da toponímia paralela na região de imigração alemã do Rio Grande do Sul. Este fenômeno caracteriza-se pela coexistência de denominações em ambas as línguas para um mesmo lugar, sendo comum que a versão em português tenha caráter oficial, enquanto a versão em alemão permaneça ativa na oralidade e na memória cultural local. Por exemplo, o nome “Novo Hamburgo”, em português, deriva de “*Neuer Hamburg*”, em alemão, evidenciando um processo de tradução e adaptação cultural (Barros; Löff-Machado, 2022, p. 148). Esse fenômeno pode ser relacionado aos conceitos de Labov (1994, 2008) sobre a manutenção e mudança linguística, uma vez que a presença de nomes paralelos reflete tanto o prestígio do português como língua dominante quanto a resiliência das tradições linguísticas alemãs locais.

Além disso, o contato entre línguas na região resultou em uma série de adaptações lexicais e semânticas que se refletem nos topônimos. A presença de elementos híbridos, como “Picada Café” (*Kaffeschneis*) e “Arroio do Tigre” (*Tigerbach*), revela um processo contínuo de integração lexical e cultural (Barros; Löff-Machado, 2022, p. 152). Segundo Fishman (1989, 2001), esse tipo de adaptação é comum em comunidades bilíngues que buscam preservar elementos de sua identidade cultural enquanto se ajustam ao ambiente linguístico dominante. Esses exemplos reforçam a ideia de que as línguas em contato não apenas influenciam umas às outras, mas também moldam o espaço geossocial e simbólico das comunidades que as utilizam.

Essas interações, quando sistemáticas, podem resultar em transformações linguísticas tanto na língua dominante quanto na língua minoritária. O bilinguismo, portanto, é um motor de mudança linguística, sendo responsável pela introdução de novos padrões, estruturas e usos dentro das línguas em contato e, comprova-se, ainda, no caso do Hunsrückisch, com empréstimos ao português, como nas palavras *cuca* (de “*Kuche*”) e *chimia* (de “*Schmier*”), evidenciando que o contato linguístico atua numa via de mão dupla (Spinassé, 2017, p. 103). Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 114) corroboram ao demonstrar que os fatores sociais moldam as línguas, como a relação de prestígio entre as línguas e os contextos nos quais cada uma é usada e, dessa forma, como o bilinguismo flui entre os diferentes contextos de uso para atender a essas expectativas linguísticas é utilizado por seus falantes como um recurso.

O bilinguismo reflete essas dinâmicas de prestígio e funcionalidade, adaptando-se aos diferentes domínios sociais e servindo como recurso comunicativo estratégico para os falantes. Em áreas onde as duas línguas são igualmente valorizadas e utilizadas em diferentes domínios (família, trabalho, educação), o bilinguismo tende a preservar as línguas em contato. Por outro lado, em contextos de subordinação social, onde uma língua é considerada mais prestigiosa que a outra, o bilinguismo pode levar à substituição ou marginalização da língua menos prestigiada, o que pode justificar a língua portuguesa tendo emprestado mais palavras ao Hunsrückisch do que o contrário, já que a língua “alta” é o português.

Ferguson (1972, p. 237) argumenta que a manutenção de uma língua minoritária em um contexto diglótico depende, em grande parte, do valor cultural e prestígio atribuído a essa língua e de sua transmissão intergeracional. Fishman (2003) ampliou o conceito introduzido por Ferguson (1972), associando-o a contextos multilíngues e à manutenção de línguas minoritárias. No caso do Hunsrückisch, a preservação é sustentada por práticas familiares, mas enfrenta desafios significativos, como a diminuição do número de falantes fluentes e a ausência de um ensino formal, ainda que desde o início dos anos 2000 a educação bilíngue português-Hunsrückisch esteja aumentando com base nos projetos de leis de cooficialização. A abordagem de Ferguson (1972) corrobora com a necessidade de políticas linguísticas que promovam o uso da língua minoritária em contextos variados, ampliando seu domínio funcional e assegurando sua vitalidade. Contudo, as formas intermediárias descritas na literatura – isto é, estruturas híbridas, itens lexicalmente misturados e zonas de transição entre o português e o Hunsrückisch – apontam justamente para a quebra do modelo diglótico clássico formulado por Ferguson (1972).

Além de descrever a coexistência de línguas ou variedades linguísticas com funções sociais distintas, Fishman (1964, 1965a, 1965b, 2003) aprofundou o estudo do fenômeno diglótico ao analisar sua manutenção e ruptura em níveis nacionais. Ele examinou como fatores sociais, culturais e psicológicos, como o bilinguismo composto e coordenado, influenciam a estabilidade ou a transição entre códigos linguísticos. Fishman (2003, p. 361) destacou que a diglossia pode ser encontrada tanto em sociedades multilíngues quanto em contextos em que há variações dialetais ou registros linguisticamente diferenciados. Ao integrar questões sociológicas e psicológicas, temos novas perspectivas para compreender a dinâmica diglótica, incluindo como padrões sociais governam o uso de uma variedade linguística em detrimento de outra. Seu trabalho complementa a abordagem de Ferguson (1972) ao enfatizar as interações entre as variedades em contextos maiores, oferecendo ferramentas conceituais para investigar a interação entre línguas ou registros em diferentes escalas sociais.

A influência do português sobre o Hunsrückisch já não pode ser explicada apenas pela antiga imagem de uma diglossia rígida entre uma variedade “alta” e outra “baixa”. O que se observa hoje é um ambiente de contato muito mais diversificado, no qual o Hunsrückisch interage simultaneamente com distintos repertórios locais: variedades regionais do português, o italiano teuto-serrano em áreas de colonização mista, o espanhol nas zonas de fronteira e, em algumas comunidades, formas de *Hochdeutsch* introduzidas por iniciativas religiosas ou educacionais. Nessa ecologia ampliada, o português segue exercendo forte pressão simbólica e lexical, mas essa pressão não implica uma simples hierarquia funcional. Ela se inscreve em processos de acomodação, mixing (mistura), nivelamento e inovação que caracterizam as práticas contemporâneas dos falantes. Assim, longe de se limitar a uma oposição estável entre “língua alta” e “língua baixa”, o Hunsrückisch mostra vitalidade ao reorganizar seus próprios domínios de uso e ao dialogar com uma multiplicidade de repertórios que moldam, simultaneamente, sua transformação e sua continuidade dentro do multilinguismo brasileiro. Isso é algo que viemos destacando em diferentes momentos do texto justamente para demonstrar que o Hunsrückisch possui uma força linguística e resiliência que dependem, em grande parte, apenas de políticas públicas adequadas para contribuir com sua vitalidade.

Além das transformações linguísticas, o contato entre o português e o Hunsrückisch gerou percepções variadas sobre a língua de imigração. As atitudes linguísticas, frequentemente influenciadas por fatores históricos e sociais, desempenham um papel central na manutenção ou no abandono da língua. Conforme Fishman (1989, p. 211), a valorização ou o estigma associado a uma língua está diretamente relacionado ao seu prestígio em contextos sociais específicos, evidenciando a importância das políticas linguísticas e do reconhecimento institucional.

4 Conclusão

A análise desenvolvida neste artigo permite retomar a pergunta de pesquisa e confirmar, ainda que sob a forma de um recorte, a hipótese de que o *code-mixing* e os empréstimos lexicais não constituem apenas indícios de “erosão” do Hunsrückisch frente ao português, mas operam como mecanismos de vitalidade em contextos de contato prolongado com essa língua entre outras línguas que compõem o mosaico multilíngue brasileiro. Ao reconstruir o percurso histórico da língua – da formação das colônias e do bi/multilinguismo funcional à repressão do Estado Novo e às políticas recentes de inventário e cooficialização –, mostrou-se que o repertório hunsriqueano contemporâneo não se organiza numa oposição rígida entre “alemão” e “português”, mas num contínuo em que alternância de códigos, integrações lexicais, *Lehnprägungen*, híbridos morfológicos e processos de *koineização* e formação de variedades intermediárias se entrelaçam. Os exemplos lexicais discutidos, bem como os dados grafemáticos e psicocognitivos disponíveis na literatura, sugerem que o Hunsrückisch metaboliza o português como recurso, incorporando formas, adaptando-as à sua fonologia e morfologia, redistribuindo significados e, com isso, mantendo-se funcional em domínios marcados por forte pressão do monolinguismo institucional e por ecologias multilíngues complexas.

Do ponto de vista teórico, os resultados dialogam com os modelos de contato e processamento bi/multilíngue de Weinreich, Labov e Herzog (2006), Riehl (2009, 2014) e Matras (2020), ao evidenciar que *code-switching*, *code-mixing* e empréstimos se distribuem num con-

tínuo de graus de integração, mais do que em categorias estanques. No caso do Hunsrückisch, isso se traduz na coexistência de alternâncias claramente segmentáveis, inserções pontuais ainda não plenamente lexicalizadas (*nonce borrowings*) e itens já integrados ao léxico, bem como em formas híbridas que se apoiam em padrões estruturais germânicos para acomodar material português. Em termos sociolinguísticos, o quadro descrito reforça a ideia de que a vitalidade das línguas de imigração não se mede apenas pelo número de falantes, mas pela capacidade de negociar domínios de uso, redefinir fronteiras estruturais e se reancorar em práticas *in vivo*, inclusive na escrita digital e em repertórios intermédios que escapam ao modelo diglósico clássico.

Ao mesmo tempo, a análise apresenta limites importantes. O corpus mobilizado é predominantemente lexical, documental e descritivo, ancorado em dicionários, estudos geolinguísticos, relatos históricos, registros de escrita digital e experimentos psicocognitivos já publicados, o que restringe o acesso a dados interacionais sistemáticos de fala espontânea em diferentes comunidades e gerações. Além disso, o recorte geográfico e temático privilegia certas regiões e tradições de pesquisa, sem abarcar toda a extensão territorial e toda a diversidade interna do Hunsrückisch na América do Sul, nem explorar em profundidade as dimensões etnográficas e atitudinais apenas afloradas em algumas passagens. Uma alternativa desejável seria articular, em pesquisas futuras, corpora de fala bi/multilíngue gravada em distintos contextos de uso, análises variacionistas de padrões de *code-switching* e *code-mixing*, investigações psicocognitivas comparativas com outras línguas de imigração (como o pomerano) e estudos etnográfico-discursivos que incorporem as metalinguagens dos próprios falantes sobre seus repertórios híbridos.

Apesar dessas limitações, o percurso proposto contribui para reposicionar o Hunsrückisch no debate sobre línguas de imigração e multilinguismo, deslocando o foco de uma narrativa de perda linear para uma perspectiva que enfatiza a agência dos falantes e a criatividade estrutural do contato. Ao evidenciar que *code-mixing*, *code-switching* e empréstimos lexicais podem funcionar como estratégias de preservação e renovação, o artigo sugere que políticas de documentação, patrimonialização e educação bilíngue que pretendam fortalecer o Hunsrückisch precisam reconhecer e incorporar essas práticas *in vivo*, em vez de tratá-las como “desvios” a serem corrigidos por normas externas. Mais amplamente, os resultados indicam que análises de repertórios de línguas de imigração em ecologias multilíngues contemporâneas ganham em precisão quando abandonam dicotomias rígidas entre pureza e mistura e passam a descrever, com maior fineza, os modos como as línguas se mantêm justamente ao se deixar atravessar pelo contato.

Agradecimentos

Agradeço aos professores da disciplina de Sociolinguística e Dialectologia (2024/2) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) – Izete Lehmkuhl Coelho, Valter Pereira Romano, Marco Antônio Rocha Martins e Monica Tavares Orsini. Este trabalho resulta das discussões da disciplina e do interesse pessoal do autor pela língua falada por seu avô e bisavós maternos, bem como por sua avó paterna. Agradeço também aos amigos Kaan Akbaba e Alina Reul pela contribuição na validação de palavras apresentadas na Tabela 2. Por fim, agra-

deço ao meu orientador de mestrado, Gilvan Müller de Oliveira, por tornar o Hunsrückisch um ponto central nas reflexões sobre políticas linguísticas.

Referências

- ALTENHOFEN, C. V. Bases para uma política linguística das línguas minoritárias no Brasil. In: NICOLAIDES, Christine; SILVA, Kleber Aparecido da; TILIO, Rogério; ROCHA, Claudia Hilsdorf (orgs.). *Política e Políticas Linguísticas*. Campinas: Pontes Editores, 2013. p. 93-116.
- ALTENHOFEN, C. V.; FREY, J.; KÄFER, M. L.; KLASSMANN, M. S.; NEUMANN, G. R.; SPINASSÉ, K. P. Fundamentos para uma escrita do Hunsrückisch falado no Brasil. *Revista Contingentia*, Porto Alegre, v. 2, n. 2, p. 73-87, nov. 2007. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/contingentia/article/view/3867>. Acesso em: 16 abr. 2026.
- ALTENHOFEN, C. V.; MORELLO, R. (orgs.). *Hunsrückisch: Inventário de uma Língua do Brasil*. Florianópolis: Editora Garapuvu, 2018.
- BULLOCK, B; TORIBIO, A. J. Themes in the study of code-switching. In: BULLOCK, B; TORIBIO, A. J. (orgs.). *The Cambridge Handbook of Linguistic Code-Switching*. Cambridge, UK, 2009. p. 01-17.
- BARROS, F. H. T.; LÖFF-MACHADO, L. O léxico toponímico da região de imigração alemã do Rio Grande do Sul: notas sobre a sua toponímia paralela. In: DORES, M.; CORDEIRO, M. (orgs.). *Estudos do Léxico: diferentes olhares e perspectivas*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2022. p. 134-156.
- BOLL, P. K. *Dicionário Hunsriqueano Riograndense – Português*. [s. l.], 2021. Disponível em: <https://hunsriqueanoriograndense.wordpress.com/wp-content/uploads/2021/04/dicionario_hrx-por_v3.o.pdf>. Acesso em: 28 out. 2025.
- CALVET, L.-J. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
- CALVET, L.-J. *As Políticas Linguísticas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- DIÁRIO DA TARDE. Florianópolis, ano 5, n. 1221, 31 ago. 1939.
- EDWARDS, J. V. Foundations of bilingualism. In: BHATIA, T. K.; RITCHIE, W. C. *The Handbook of Bilingualism*. Malden, MA: Blackwell Publishing, 2004. p. 7-31.
- FERGUSON, C. A. Diglossia. In: GIGLIOLI, P. P. (Ed.). *Language and Social Context*. Harmondsworth: Penguin Books, 1972. p. 232-251.
- FISHMAN, J. A. Language maintenance and language shift as a field of inquiry. *Linguistics*, Haia, v. 2, n. 9, 1964. p.32-70.
- FISHMAN, J. A. A Language Maintenance and Language Shift: the American Immigrant Case within a General Theoretical Perspective. *Sociologus*, Berlim, v. 16, n.1, p. 19-39, 1965a.
- FISHMAN, J. A. Who Speaks What Language to Whom and When?. *La Linguistique*, Paris, v. 2, n.1, p. 67-88, 1965b.
- FISHMAN, J. A. *Language and Ethnicity in Minority Sociolinguistic Perspective*. Clevedon: Multilingual Matters, 1989.

- FISHMAN, J. A. *Can Threatened Languages Be Saved? Reversing Language Shift, Revisited: A 21st Century Perspective*. Clevedon: Multilingual Matters, 2001.
- FISHMAN, J. A. Bilingualism with and without diglossia; diglossia with and without bilingualism. In: PAULSTON, Christina Bratt; TUCKER, G. Richard (Eds.). *Sociolinguistics: The Essential Readings*. Malden, MA: Blackwell Publishing, 2003. p. 359-366.
- GÄLZER, F.; MAGALHÃES, M. L. “Mas para que proibir falar em alemão?”: Restrições linguísticas no Vale do Rio dos Sinos/RS durante o Estado Novo (1939-1945). *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v. 50, n. 1, p. 1-18, e45832, 2024. DOI: <https://doi.org/10.15448/1980-864X.2024.1.45832>
- GREGORY, V. Imigração alemã no Brasil. *Cadernos Adenauer*, [s. l.], v. XIV, edição especial, 2013, p. 9-27. Disponível em: < <http://www.kas.de/wf/doc/10985-1442-5-30.pdf> >. Acesso em: 29 out. 2025.
- GUMPERZ, J. J. *Discourse Strategies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.
- HABEL, J. M. Os nomes do Hunsrückisch: aspectos linguísticos e extralinguísticos da denominação de línguas de imigração. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 7, n. 2, p. 314-330, ago./dez. 2017. DOI: <https://doi.org/10.22168/2237-6321.7.7.2.314-330>
- HAMMES, E. L. [Fotografia sem título]. [s. l.]: Acervo particular, 2018.
- HEYE, J. *Brasildeutsch, or Diglossia Revisited*. Paper presented to the Sixth International Congress of Applied Linguistics, Lund, 9-15 August 1981. 1981.
- LABOV, W. *Principles of Linguistic Change: Internal factors*. Cambridge: B. Blackwell, 1994.
- LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LANGENSCHIEDT. *Langenscheidt Universal-Wörterbuch Brasilianisches Portugiesisch: Portugiesisch–Deutsch / Deutsch–Portugiesisch*. Berlin; München: Langenscheidt, 2010.
- LIMBERGER, B. K. Leitura de palavras em língua minoritária: a construção do léxico ortográfico em hunsriqueano. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 37, n. 2, p. 1-26, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1678-460X202148072>
- LIMBERGER, B. K. Dialetoлогия e Psicolinguística em diálogo: estudos sobre processamento do Hunsrückisch e bilinguismo. In: STEFFEN, J.; KRUG, M. J.; LÖFF-MACHADO, L.; PAVAN, C. W.; RADÜNZ, W.; BARROS, F. H. T. (orgs.). *Sprachkontakt, Variation und Mehrsprachigkeit / Contato Linguístico, Variação e Plurilinguismo: perspectivas linguísticas sobre o trabalho acadêmico de Cléo Vilson Altenhofen*. Berlin; Bruxelles; Chennai; Lausanne; New York; Oxford: Peter Lang, 2025. p. 485-497.
- LIMBERGER, B. K.; VON MÜHLEN, F. Variação linguística e alemão como língua estrangeira: contribuições a partir da análise de dois livros didáticos. *Pandaemonium Germanicum*, São Paulo, v. 22, n. 37, p. 331-356, maio/ago. 2019. DOI: <https://doi.org/10.11606/1982-88372237331>
- LINDENFELSER, S. „Wolle Ameise Pisy Hunsrik Xraywe?": zur Alltagsverschriftung des brasilianischen Hunsrückisch. *Zeitschrift für Dialektologie und Linguistik*, Stuttgart, v. 91, n. 1, p. 22-77, 2024. DOI: <https://doi.org/10.25162/zdl-2024-0002>
- MACKEDANZ, D.; SPINASSÉ, K. P. Influência da fase etária no uso do léxico em pomerano. *Organon*, Porto Alegre, v. 37, n. 73, p. 245-267, jan./jun. 2022. DOI: <https://doi.org/10.22456/2238-8915.122815>

MASELKO, M. Hunsrik xraywe: a new way in lexicography of the German language island in southern Brazil. *Dialectologia*, Barcelona, Special issue, IV, p. 147-180, nov. 2013.. Disponível em: <http://www.edicions.ub.edu/revistes/dialectologiasp2013/>. Acesso em: 23 out. 2025.

MATRAS, Y. *Language Contact*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2020.

MUYSKEN, P. Mixed Codes. In: AUER, P.; WIE, L. (eds). *Handbook of multilingualism and multilingual communication*. Berlin: New York: Mouton de Gruyter, 2007. p. 315-339.

NASSIF, L. É PROIBIDO FALAR italiano, alemão e japonês. *Jornal de Todos os Brasis*. 20 mar. 2018. Disponível em: <https://jornalggn.com.br/historia/e-proibido-falar-italianoalemao-e-japones/>. Acesso em: 17 abr. 2026.

NÜBLING, D.; DAMMEL, A.; DUKE, J.; SZCZEPANIAK, R. *Historische Sprachwissenschaft des Deutschen: Eine Einführung in die Prinzipien des Sprachwandels*. 5. Aufl. Tübingen: Narr Francke Attempto, 2017.

OLIVEIRA, G. M. Plurilinguismo no Brasil: repressão e resistência linguística. *Synergies Brésil*, São Paulo, n. 7, p. 19-26, 2009. Disponível em: <https://gerflint.fr/Base/Bresil7/gilvan.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2025.

OLIVEIRA, G. M. From Foreign Languages to Brazilian Languages, from One-Language-One-Nation Ideology to Inclusive Co-officialization Policy: the case of Hunsrückisch and Pommersch. In: CAVALCANTI, M. C.; MAHER, T. M. (orgs.). *Multilingual Brazil: Language Resources, Identities and Ideologies in a Globalized World*. New York; London: Routledge, 2018. p. 57-68.

OLIVEIRA, G. M.; ALTENHOFEN, C. V. O *in vitro* e o *in vivo* na política da diversidade linguística do Brasil: inserção e exclusão do plurilinguismo na educação e na sociedade. In: MELLO, H.; ALTENHOFEN, C. V.; RASO, T. (orgs.). *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 187-216.

PREDIGER, A.; HABEL, J. M. Die Weiterentwicklung einer intermediate variety des Deutschen bei Nachfahren nordböhmischer Herkunft in Rio Grande do Sul, Brasilien. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v. 27, n. 1, p. 154-170, jan./abr. 2024. DOI: <https://doi.org/10.15210/rle.v27i1.26620>

RIEHL, C. M. *Sprachkontaktforschung: Eine Einführung*. 2. überarbeitete Auflage. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 2009.

RIEHL, C. M. *Mehrsprachigkeit: Eine Einführung*. Darmstadt: WBG – Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 2014.

RIO GRANDE DO SUL. Gabinete Deputado Estadual João Fischer (Fixinha). *Hunsrik: língua integrante do patrimônio histórico e cultural do Estado do Rio Grande do Sul*. [s.d.]. Disponível em: <https://aguasmornas.sc.gov.br/uploads/sites/360/2022/05/1649565_Hunsrik_lingua_integrante.pdf>. Acesso em: 6 jan. 2025.

ROMANO, V. P. Desdobramentos, Desafios e Perspectivas da Geolinguística Pluridimensional no Brasil. In: MOTA, J. A.; OLIVEIRA, J. M.; PAIM, M. M. T.; RIBEIRO, S. S. C. (org.). *Contribuições de Estudos Geolinguísticos para o Português Brasileiro: uma homenagem a Suzana Cardoso*. Salvador: EDUFBA, 2020. p. 11-32.

SEVERO, C. G. Transmissão intergeracional e revitalização linguística. *Gragoatá*, Niterói, v. 30, n. 66, jan.-abr. 2025. DOI: <https://doi.org/10.22409/gragoata.v30i66.64442.pt>

- SPINASSÉ, K. P. Os imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil: a língua como fator identitário e inclusivo. *Revista Conexão Letras*, Porto Alegre, v. 3, n. 3, 2015. DOI: <https://doi.org/10.22456/2594-8962.55637>
- SPINASSÉ, K. P. Perspektiven der Variationslinguistik, Sprachkontakt- und Mehrsprachigkeitsforschung. In: LENZ, A. N. German Abroad. *Perspektiven der Variationslinguistik, Sprachkontakt- und Mehrsprachigkeitsforschung*. Wien: Vienna University Press, 2016. p. 81-102.
- SPINASSÉ, K. P. Contribuição do Português para a Constituição Lexical do Hunsrückisch em Situação de Contato Linguístico. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL*, v. 13, n. 3, dez. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.31513/linguistica.2017.v13n3a16385>
- STEFFEN, J.; ALTENHOFEN, C. V. Spracharchipele des Deutschen in Lateinamerika: Dynamik der Sprachvernetzungen im mehrsprachigen Raum. *Zeitschrift für Dialektologie und Linguistik*, Stuttgart, v. 81, n. 1, p. 34-60, 2014. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/24548019>. Acesso em: 13 nov. 2025.
- THOMASON, S. G. *Language Contact*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2001
- VILELA, S. O alemão lusitano do Sul do Brasil. *Deutsche Welle*, 20 abr. 2004. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/o-alem%C3%A3o-lusitano-do-sul-do-brasil/a-1174391>. Acesso em: 9 jan. 2025.
- VON MÜHLEN, F.; KERSCH, D. F. Usos sociais da escrita do hunsriqueano no Sul do Brasil. *Revista Humanidades & Inovação*, Palmas, v. 8, n. 36, p. 326-338, 28 jun. 2021. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/4497>. Acesso em: 13 nov. 2025.
- WEBER, A. F. O combate à imprensa em língua estrangeira no Brasil: políticas e ideias linguísticas na legislação da era Vargas. In: CAVALHEIRO, A. C. D.; MARCHESAN, A. C.; STÜBE, A. D.; HORST, C.; PAULA, L. M.; LUZ, M. N. S. (org.). *Entre as fronteiras do ensino, da pesquisa e da extensão: estudos na área de Letras* [livro eletrônico]. Chapecó: Editora UFFS, 2020. p. 25-40. DOI: <https://doi.org/10.7476/9786586545258.0002>
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos Empíricos para uma Teoria da Mudança Linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- WIESEMANN, U. *Contribuição ao desenvolvimento de uma ortografia da língua Hunsrik falada na América do Sul*. Cuiabá, MT: Associação Internacional de Linguística – SIL Brasil, 2008. Disponível em: https://www.sil.org/system/files/reapdata/72/23/15/72231580797137648352532967849426719009/Hunsrik_49727.pdf. Acesso em: 16 nov. 2025.
- ZIEGLER, A. *Deutsche Sprache in Brasilien. Untersuchungen zum Sprachwandel und zum Sprachgebrauch der deutschstämmigen Brazilianer in Rio Grande do Sul*. Essen: Ed. Die Blaue Eule, 1996.